

Enunciados valorativos na construção de sentido: a percepção feminina sobre a atuação da mulher comunicadora em Pato Branco (PR)¹

Alana Cristina de Grandis OLIVEIRA²

Jozieli Camila CARDENAL³

Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), Pato Branco, PR

RESUMO

Pato Branco se mostra como um grande centro de evolução e pesquisa, principalmente no que diz respeito à ligação quase inata que a história da cidade possui com o nascimento de determinados meios de comunicação na região: Ainda na década de 1950, estes proporcionaram um crescimento cultural, social e regional que coloca a cidade como referência até os dias atuais. Nesse sentido, cabe questionar de que forma a atuação da mulher nesses ditos meios terminou por impactar em sua atuação profissional enquanto comunicadora: eis o *locus* ideal para estudar a percepção das mulheres espectadoras acerca da figura da mulher comunicadora que opera nesses meios. O grande objetivo aqui é mapear de que forma o surgimento desses canais, em sua maioria por comunicadores homens, impactou diretamente na forma como as espectadoras enxergam e conferem credibilidade à comunicadora. Em outras palavras, visa-se problematizar como a ausência e, paradoxalmente, a presença da mulher comunicadora nos canais pato-branquenses, enquanto emissora de mensagem, incidiu diretamente na reprodução de um discurso hegemônico que reforça padrões de gênero excludentes no que tange a participação feminina no mercado de trabalho, uma vez que tais posições de destaque ou exclusão com base em padrões de gênero denotam como a espectadora reconhece quem comunica e recebe a mensagem. Nesse sentido, ao realizar um estudo de caráter exploratório como o tal, aplica-se um questionário como etapa de pesquisa⁴, visando demonstrar como discurso hegemônico, disseminado praticamente há quase 70 anos, ainda é responsável por uma representação da comunicadora mulher que é apagada em detrimento da

¹ Trabalho apresentado na IJ 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Egressa do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), email: alanacoliveira19@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho, Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela UTFPR e docente do curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Pato Branco (UNIDEP), e-mail: jozieli.cardenal@unidep.edu.br.

⁴ O trabalho integra uma pesquisa completa realizada entre 2020 e 2021, onde toda a atuação da mulher comunicadora na regionalidade foi mapeada de forma a justificar as premissas aqui adotadas.

evidência dada ao comunicador homem. O questionário é uma ferramenta que aproxima as considerações estudadas e constatadas da realidade realmente vivida por determinada sociedade, por essa razão possui sua relevância metodológica e científica pois o “passado ou presente de uma pessoa é um tipo de fato que ela pode observar de uma posição privilegiada e constitui indicador expressivo de seu comportamento [...]” (GIL, 2008, p. 125). Ou seja, para que se possa promover uma análise enunciativa de determinado discurso, é preciso considerar todo o contexto vivido pela amostragem através da tabulação de resultados. Foram desenvolvidas 13 (treze) perguntas, em um caráter semi-estruturado disponível durante 30 dias, com questões que transitavam desde questões demográficas como idade, escolaridade, classe social e etc, até questões subjetivas como canais consumidos, se observa mulheres comunicadoras, se há identificação e representatividade; Neste momento, era solicitado que a participante citasse o nome de uma mulher comunicadora e, em seguida, entre homens e mulheres, quem era o profissional mais popular e por qual motivo. Foram computadas 42 respostas distintas de diversas participantes. É preciso utilizar o dialogismo proposto na época para entender os meios de construção de sentido social com base em uma percepção de gênero excludente. Nesse sentido, utilizam-se as obras de Mikhail Bakhtin (1997; 2014), bem como as reflexões acerca da performance e materialidade de gênero propostas por Judith Butler (2003; 2018). Ainda, no contexto supracitado, para que se possa entender de forma completa e embasada o impacto do conceito de gênero e de suas vivências dentro da sociedade, onde este não somente impacta na atuação feminina dentro da comunicação, utiliza-se a obra de Adriana Piscitelli (2009). Por fim, para compreender de que forma os canais de comunicação se tornam uma tecnologia de gênero (esta que perpetua a performance e materialidade de tal) é trazido à análise as considerações de Teresa de Lauretis (1987). Enquanto resultados tabelados, é possível concluir que a mulher espectadora internalizou discursos excludentes: A participante identificada pelas iniciais V.M, 39 anos, parda e com ensino superior completo, afirma que escolheu um comunicador do sexo masculino como profissional referência pois este, segundo ela, “tem ética em seu trabalho”. Já J.O, 19 anos, branca, também com superior incompleto, justifica sua escolha com a máxima “no momento em que li a pergunta, de primeiro veio este nome na cabeça”. Para M.M, 40 anos, branca e já na pós-graduação, a justificativa para um comunicador homem ser a referência, para si, é tida sob a máxima “porque ele

tem reconhecimento popular”. Para H.A, 68 anos, branca e com pós-graduação completa, a identificação do comunicador homem se deu nos termos: “pelo tempo de atuação e pelos diversos programas que já vi atuando”. G.A, 30 anos, parda e também com pós-graduação completa, o comunicador foi escolhido “pelo seu alcance com o povo”. De certa forma, mesmo que a maioria acompanhe meios e se sintam representadas pelas comunicadoras atuantes, quando o questionário avançou para a pergunta que demandava o nome de um comunicador que, na visão da participante, é referência profissional, os nomes mais conhecidos foram, em maioria, masculinos. Dos 8 (oito) profissionais citados pelas participantes, 6 (seis) são homens, e foram aparecerem como comunicadores referência 25 (vinte e cinco) vezes, enquanto que 2 (duas) mulheres foram aparecerem 3 (três) vezes, em um total de 28 (vinte e oito) respostas. Ou seja, a mulher percebe outras mulheres atuando nesses canais, mas, ainda, não associa a figura feminina ao reconhecimento e à credibilidade propostos por estes. Assim, é possível perceber a realidade desfavorável, realidade conflituosa que materializa a interação dialógica construtora de sentido social, pois, como afirma Bakhtin (1997, p; 342): “As relações do sentido, dentro de um enunciado [...] são de ordem factual-lógica (no sentido lato do termo), ao passo que as relações do sentido entre enunciados distintos são de ordem dialógica [...]” Tal realidade tem impacto oriundo nos papéis de gênero, e para tanto, assume-se a definição de Piscitelli (2009, p. 123-124), que identifica o gênero como o produto do trabalho da cultura sobre a biologia. Nesse contexto, enraíza-se a problemática social abordada pelo questionário, pois a mulher tinha previamente lançada sobre si a perspectiva de gênero que a colocava como mera figurante, uma vez que, biologicamente, a vinculação entre a figura da mulher a maternidade “[...] contribui para que a principal atividade atribuída às mulheres seja a maternidade, e que o espaço doméstico e familiar seja visto como seu principal local de atuação” (PISCITELLI, 2009, p. 118). Em outras palavras, a própria mulher não percebe o poder de sua enunciação enquanto como uma agente transformadora da realidade e do discurso vigente, de certa forma havia uma reprodução que não era identificada, mas que, por sua vez, tinha por objetivo continuar fortalecendo a realidade das mulheres que ali viviam. Tinha-se, então, a performance de gênero pois, o gênero “é aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção diária e incessantemente, com angústia e prazer. Se esse ato contínuo, porém, é tomado como um fato natural ou linguístico [...]” (BUTLER, 2018, p.16). A performance de gênero segundo Butler (2018,

p. 03) é caracterizada por uma repetição estilizada de atos, verdadeiras atuações que são esperadas dentro de determinado contexto social. Por isso, é possível perceber um fenômeno de transposição de conteúdo: a vida doméstica era levada pela mulher comunicadora para seu local de trabalho, uma vez que as pautas mais comuns e esperadas das comunicadoras eram essas, o que contribui diretamente para o fomento dessa performance, que é percebida até hoje na percepção das espectadoras: é preciso entender até onde a representatividade daquelas que todos os dias desafiam os meios de comunicação e os papéis para si impostos alcança outras mulheres, pois, como afirma Lauretis (1987), “o gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe” (LAURETIS, 1987, p. 211). É possível deduzir que as mulheres podem ter mais tempo de atuação, mais presença nos programas e até mesmo matérias de maior relevância, porém, tomando como base o questionário aplicado, as mulheres comunicadoras ainda estão sob a sombra da hegemonia de comunicadores homens, que por sua vez recebem um reconhecimento que está enraizado em nossa cultura, pois a compreensão acerca do sentido estabelecido pelo enunciado interpretado (aquilo tido como certo acima de tudo) é dialógica: acontece na interação-resposta ao assimilar determinada máxima lançada sobre si através da autoridade. (BAKHTIN, 1997, p. 342)

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; interdisciplinaridade; dialogismo; comunicação; gênero.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Maria Pereira. 2ª Ed. São Paulo. Martins Fontes: 1997.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BUTLER, J. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. Tradução DIAS, P. J. Cadernos de leitura, n. 78, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

LAURETIS, T. D. **A tecnologia do gênero.** In. Technologies of gender. Indiana University Press, 1987.

PISCITELLI, A. **Gênero: a história de um conceito.** São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009